



Comunicação Oral

A CRIANÇA E A INFÂNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Soíla Thaís ROCKEL (UFMS – Aquidauana) ¹

Janaina Nogueira MAIA (UFMS – Aquidauana) ²

RESUMO: O presente trabalho emerge de uma reflexão a partir da experiência acadêmica no decorrer da disciplina de Estágio Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* Aquidauana. Tem por objetivo demonstrar a inserção de atividades lúdicas nos planos de aula do estágio para turma de 2º ano, como: brincadeiras, músicas do cancionário popular infantil, encenações, entre outras, com o intuito de trazer a infância para o contexto da sala de aula. Tem como aporte teórico o impacto de práticas lúdicas no aprendizado das crianças envolvidas no processo de estágio, qual o significado de infância, bem como a forma que esta infância acontece nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, debruça o “olhar” nos estudos de Kuhlmann (1998), Kramer (1999) e Maia (2012). Dessa forma, o presente estudo tem nas vivências do estágio, aliados aos estudos dos pesquisadores acima, a relevância de perceber que a infância que está latente nas crianças, desta faixa etária, suscita a possibilidade de ser considerada no momento de preparação das atividades a serem ministradas, pois permitem às crianças viverem o seu momento de infância dentro da escola, e da sala de aula, consolidando laços de afetividade que proporcionam um aprendizado mais significativo.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Infância. Estágio. Afetividade. Prática.

¹ strockel@hotmail.com - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAQ.

² maiajanaina@hotmail.com - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAQ.



Introdução

Ouçõ a voz das pedras e passarinhos
Nuvens passando, cascatas, riachinhos
Das conversas de crianças, obscuras ao adulto
Compreendo sem dificuldades o sentido oculto
Foi o que o homem de verdes orelhas
Me disse no campo de ovelhas...
Gianni Rodari
(TONUCCI, 2008, p.13)

Tonucci (2008) lança as conversas das crianças de forma a contemplar a infância em suas histórias, encontros e caminhos. Explana em poesia que a criança compreende mais o adulto do que ele mesmo compreende o “olhar” da criança para inúmeras e tantas histórias. Assim, escrever e contemplar a criança é uma possibilidade de estar com elas e para elas fazer o melhor que há em cada um de nós.

Nessa perspectiva, o presente artigo emerge de um trabalho referente à disciplina de Estágio Supervisionado sob forma de Prática Pedagógica, desenvolvido em uma Escola Estadual no município de Anastácio/MS, no período de setembro a dezembro de 2016. Com o objetivo de discutir e refletir sobre os desafios e principalmente as vivências da docência no Ensino Fundamental em uma perspectiva da Teoria Histórico-Cultural da Criança e sua Infância e se desdobra da seguinte forma: na primeira parte apresenta um breve histórico da criança/infância, destacando a forma como a mesma tem se desenvolvido na atualidade em contexto escolar; em seguida, com base na abordagem Histórico-Cultural-Social aborda-se o estágio como possibilidade de prática pedagógica e suas implicações para o trabalho docente.

Com a finalidade de evidenciar o trabalho docente desenvolvido em uma Escola Estadual, por meio do Estágio apresenta-se, na terceira parte deste artigo, a



organização do estágio, com reflexões acerca da metodologia em volta da Infância e afetividade em sala de aula, evidenciando a prática pedagógica como parte integrante desse processo.

Embora a disciplina de Estágio Supervisionado sob forma de Prática de Pedagógica contemple inúmeros e diversos elementos que envolvem o trabalho desenvolvido pelo/a professor/a Pedagogo/a em uma escola Estadual, este diálogo suscita apresentar às reflexões referentes à docência, tendo em vista que a prática docente no Ensino Fundamental que permeia crianças e suas infâncias, ainda é um grande desafio e possibilita a relevância de perceber que a infância está latente nas crianças, desta faixa etária, suscita a possibilidade de ser considerada no momento de preparação das atividades a serem ministradas, pois permitem às crianças viverem o seu momento de infância dentro da escola, e da sala de aula, consolidando laços de afetividade que proporcionam um aprendizado mais significativo.

Criança e infância no contexto escolar

Cresci brincando no chão, entre formigas.
De uma infância livre e sem comparamentos.
Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.
Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão:
de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore.
Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas.
Manoel de Barros (2006)

Neste excerto de poesia de Barros (2006), a infância não tem comparamentos, ela é livre e tinha comunhão com as coisas, bichos, orvalhos, pássaros e suas árvores. O poeta emerge de suas raízes crianceiras para contemplar um tempo oblíquo e brincante. Assim, como Manoel de Barros, a infância e a criança são partes de uma vida e de uma história.



Dessa forma, nos estudos sobre a trajetória das crianças ao longo da história, emerge a obra de Ariès (1981) afirmando que estas passaram a receber maior atenção no século XX. Maia (2012, p.17) em uma análise das palavras de Ariès comenta “com a influência de psicólogos e de educadores, elas passaram a ser vistas como seres de direitos e em fase de desenvolvimento.” A autora demonstra ainda que a infância então, muito além de ser um dado natural, é social-histórico.

Nesta perspectiva, Kuhlmann Jr. (1998, p.15) pontua que “é preciso considerar a infância como uma condição de ser criança.” Esta afirmação demonstra a preocupação do autor em dizer que as estruturas sociais precisam possibilitar que essa infância aconteça, para que a criança seja um ser de direitos e produtora de história.

Para Maia (2012, p. 30) “a criança é uma pessoa enraizada em um tempo e um espaço, uma pessoa que interage com outras categorias, que influencia o meio onde vive e também é influenciado por ele.” Assim, a criança necessita ter uma atenção, ter relevância no contexto social em que estiver inserida, quer seja na escola ou no lar.

A autora sugere que ter um olhar que dignifica as crianças e que não as menosprezam se mostra um fator preponderante para uma atuação pedagógica assertiva:

Embora a preocupação constante das professoras em educar seus alunos e alunas possa ser vista como positiva, a não articulação desta educação com a “criança feliz” acaba contribuindo para tornar [...] um espaço demasiadamente marcado pela rotina e pelo cumprimento de tarefas (MAIA, 2012, p. 98).

Esta fala convida a refletir que as rotinas da escola precisam considerar a infância, e promover formas de permitir que as crianças vivam isso da maneira plena, para que a experiência escolar seja agradável. Dessa forma, o trabalho com as crianças precisa abarcar o currículo proposto nas legislações, porém, conforme



afirma Kramer (1999, p. 206) “precisa ser necessariamente de forma lúdica, planejada, pois esse é o caminho para o trabalho pedagógico de manifestação e expressão”.

Desta forma, a vínculo existente entre o educador e as crianças precisa criar pontes de afetividade e aproximação para que o aprendizado ocorra respeitando o desenvolvimento da criança, pois “é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo” (TASSONI, 2000, p.3).

A criança é parte de um processo histórico, social, econômico e cultural, que no decorrer da história adquiriu formas diversas de ser vista e considerada pelos adultos e, conseqüentemente, por toda uma sociedade. E, para tanto, fatores como idade, classe social e posição familiar na estrutura socioeconômica influenciaram não somente a maneira de conceber a criança, mas também a representação de sua infância.

Nesse sentido, cientes de que nem sempre a criança foi vista socialmente e que a mesma conquistou um espaço de reconhecimento no cenário social, contextualizar as principais construções históricas dos conceitos de criança e infância faz-se necessário para obtermos um panorama das discussões que serão tratadas nesse estudo, estabelecendo um entendimento de suas entrelinhas e significados.

Uma vez que, a esse respeito Sarmiento (2005) pontua que,

[...] é necessário definir e delimitar os conceitos de infância e de criança, a fim de se perceber as diferenciações dessas duas categorias [...] crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturam dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII (SARMENTO, 2005, p.41-42).



Assim, no estágio com a possibilidade de vivenciar todas essas questões pontuadas acima, por meio de estudo e planejamento prévios que segundo Barbosa (2009), possibilita além da experiência prática, a reflexão sobre a ação pedagógica do futuro educador. Assim, pensar nesse momento como possibilidade de vivenciar momentos em que a criança possa viver a sua infância e poder no contexto escolar experienciar novos e tantos outros momentos lúdicos, é acima de tudo acreditar na criança como ator social e de capacidades outras, além de estarem aprendendo, podem ser crianças como prevê os seus direitos.

O estágio como possibilidade de prática pedagógica

[...] Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar...
Paulo Freire (2000, p. 155).

O excerto de Freire convida à reflexão sobre o papel do estágio na formação docente. O estágio em sua estrutura é o caminhar que permite ao/a acadêmico/a construir seu caminho, onde seus conhecimentos e habilidades serão colocados em prática, para que seja possível identificar quais aspectos precisam ser aperfeiçoados e, assim, construir seu conhecimento neste e em outros caminhar.

O estágio promove a harmonização entre os conteúdos teóricos estudados na academia e a realidade de sala de aula, assim,

[...] a articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 22).



As autoras defendem que essa articulação possibilita a compreensão da complexidade das práticas pedagógicas pensando no futuro profissional e possibilita a consolidação da identidade de ser professor/a.

Para Barbosa (2009, p. 91) mesmo que os momentos de estágios “sejam recortes singelos da profissão, tornam-se indispensáveis à formação do futuro professor, pois permitem vivenciar situações que vão além do exercício técnico da função.” A autora ressalta que é no estágio que o/a acadêmico/a desenvolve vínculos de interação e respeito, e pode compreender como se dá a relação professor/a e sua criança por meio do contato direto com elas, que é a razão do seu trabalho.

Esta experiência tem o desejado efeito, quando previamente são apontados quais aspectos se deseja observar na escola, presentes no plano de estágio que norteará toda a atuação do estagiário. Barbosa, Amaral (2009, p. 3674) afirmam que “a formação docente faz parte de um processo de viver criativamente e refletir diariamente sobre sua prática para assim, garantir a justiça na sociedade, tendo a certeza de que se está educando para a transformação social.” Para as autoras, esta preparação prévia é a ferramenta de análise para o/a acadêmico/a que, ao planejar, e avaliar seu planejamento vai refletindo sobre sua prática.

Nesse viés, o estágio extrapola a dimensão de apenas desenvolver habilidades práticas, ele permite construir um perfil de ser professor/a em sua complexidade, onde ensinar apenas não basta, é necessário olhar as crianças:

Ensinar não é só transmitir e nem fazer aprender saberes. É sim, por meio dos saberes, humanizar, socializar, ajudar o sujeito a acontecer através da tomada de posse de uma parte do patrimônio humano que é o conhecimento. Vale lembrar que não se trata apenas de tomar posse, mas saber o que fazer com esse conhecimento. É ser você mesmo, um homem que ocupa uma posição social, que existe na forma de sujeito singular e plural. (BARBOSA, AMARAL, 2009, p. 3673).



Assim, o conceito das autoras sugere que o estágio é momento humanizador do futuro educador, oportunidade de composição de um ser que muito mais do que possuir grandes conhecimentos técnicos, pode se dar conta da dimensão social de sua atuação, e do caráter crítico que deve permear suas práticas, além disso, ele tem a possibilidade de adquirir um olhar de empatia pelas crianças com que irá conviver ao longo de sua carreira.

Infância e afetividade em sala de aula

Baleias gigantes, violentos tubarões
Mistérios de um espaço submerso
Espaçonaves passam por dez mil constelações
O mundo da criança é um universo...
Toquinho

A letra desta música de Toquinho é fascinante ao demonstrar a riqueza da infância, e o quanto as crianças “viajam” em suas aventuras imaginárias. Faz pensar que este mundo próprio que cada criança carrega está presente todos os dias nas salas de aula, e convida os/as professores/as, a permitirem que cada criança viva feliz em seu próprio mundo.

A presente pesquisa relata a experiência com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, formada por 28 crianças com idades entre 7 e 10 anos em uma Escola Estadual, várias delas oriundas de reprovação ou reprovações. Todas demonstraram grandes dificuldades no aprendizado devido à diversos fatores identificados por meio de conversas com as professoras³ e com as próprias crianças: falta de motivação, contextos familiares adversos, algumas que estão em processo de laudo de deficiência, enfim, uma série de desafios que impedem o desenvolvimento escolar mais significativo da turma.

³ Utilizamos a partir desse momento apenas “professora”, pois no quadro docente do 2º ano da referida escola, elas são do sexo feminino.



Logo na primeira semana de estágio, aconteceu a festa do Dia das Crianças, realizada por iniciativa própria das professoras regente, de ciências e de artes. De acordo com a fala delas, é muito importante comemorar com as crianças para que se sintam amados e queridos na escola, e também devido ao contexto social difícil em que a maioria está inserida, muitas vezes os únicos momentos de descontração e festividade são na escola.

A atitude das professoras evidencia que “é através da interação com outros que a criança incorpora os instrumentos culturais, [...] é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo” (TASSONI, 2000, p.1). A autora ao se utilizar dessa abordagem, elucida a relevância de ações que permitam às crianças o convívio social e cultural, contribuindo para o seu amadurecimento e reconhecimento da realidade.

Ainda no dia da festa, a nossa interação com as crianças se deu por meio de brincadeiras de roda, trenzinho, a brincadeira do morto-vivo e eles adoraram! Observamos que mesmo já estando em um segundo ano, e que algumas já tenham uma idade mais avançada devido às reprovações, elas desfrutaram dos momentos de ludicidade e descontração proporcionados de forma prazerosa e descontraída.

Para Winnicot (1975, p.79) “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação.” Desta forma, o autor pontua que este ato tão elementar ao ser humano é a base das experiências criativas que contribuirão no processo de aprendizagem das crianças. Na rotina escolar, percebemos que são poucos ou nenhum, os momentos destinados à brincadeira, e isso nos fez questionar a relevância desse ato justamente para fortalecer a questão citada anteriormente, a motivação para estudar, para ir à escola. Conforme se mostrou tão importante que elas gostem e queiram ir à escola, para tanto, esta é uma possibilidade de ser um ambiente agradável, amável e acolhedor.

Ainda nas palavras de Winnicot (1975) fica claro que o jogo e brincadeira remetem a experiências culturais e estão diretamente ligadas à afetividade que



consolidam os processos de comunicação e estreitam os laços de ensino-aprendizagem, além de ativar a criatividade, conforme citado anteriormente.

Assim, ao ser solicitado pela coordenadora e pela professora, que trabalhasse com as crianças fora da sala com atividades de leitura, para que essas atividades não se tornassem maçantes ou monótonas, oferecemos jogos matemáticos e de leitura. Percebemos que a maioria das crianças não conseguia identificar os números, nem os relacionar às quantidades, apesar de oralmente saber contar. Então trabalhamos incisivamente nesta questão das quantidades. Além disso, trabalhamos jogos da memória de palavras e para instigá-los a formar e escrever frases a partir das peças/palavras que haviam ganhado no jogo. Nestes momentos entendemos que ao olhar a criança em seus olhos, é de certa forma perceber a sua importância e mostrar a ela o quanto são capazes e que elas precisam se sentir únicas dentro da sala, se sentirem ouvidas e amadas, conforme afirma Tassoni (2000, p.2) “são as relações humanas que formam a essência do objeto de conhecimento”.

Em outro momento do estágio, trabalhamos a música “A Linda Rosa Juvenil”, pois estávamos no início da primavera e a escola estava organizando uma festa com esse tema. Foi divertido/emocionante cantar com as crianças e ler com elas o texto contendo a letra da música. As crianças demonstraram muito interesse pela história e para que esse gosto fosse mais explorado, fizemos encenação da letra com elas, de forma que todas tivessem a oportunidade de ser o Rei, a Rosa, a Bruxa, e demais personagens.

Utilizar a encenação como forma de interpretação do texto, permitiu às crianças mergulharem por completo no contexto da história, vivenciando em seu imaginário aquele mundo fantástico. Assim, ficou evidente que “a criança se escreve no mundo pelo corpo (gesto), com toda a dramaticidade que envolve o narrar, o desenhar, o brincar” (COSTA E SILVA, 2012, p.60).



Desta maneira, a atividade da música “A Linda Rosa Juvenil” uniu a expressão musical e corporal com a leitura e interpretação de texto, de uma forma lúdica e descontraída. A prática proposta tem o intuito de trabalhar os conteúdos concernentes à alfabetização, se destituir das crianças a oportunidade de viverem a infância de forma plena.

A prática textual foi trabalhada por meio de frases que as próprias crianças criaram a partir da letra da música, e disseram oralmente para que a professora escrevesse no quadro, e vieram à lousa para também escreverem as suas frases. Para Costa e Silva (2012, p.58) a escrita é mais que uma habilidade motora, “é um conjunto de símbolos que denotam transformações em todo o desenvolvimento cultural da criança”.

Com isso, o trabalho com a escrita precisa ser o produto da interação que a criança teve com o objeto (a fantasia, a história, o imaginário, o símbolo), com a mediação do/a professor/a. Essa escrita tem a possibilidade de representar algo que tenha significado para a criança, pois a escrita é a significação, interação e tantas e muitas outras diversidades que se possa imaginar. Sendo assim, as atividades prévias contribuíram para o melhor entendimento do texto, e possibilitou que as crianças criassem novas afirmativas de aprendizagem e também de vida, bem como brincar e viver a sua infância de forma lúdica e inventiva.

E concluindo...

[...] as crianças usam os recursos do próprio corpo (gestos, posturas, vocalizações) associados aos recursos do ambiente (sucatas, brinquedos, recantos) e trazem para o contexto da brincadeira: personagens e animais não presentes no ambiente; situações /atividades já experienciadas por elas ou por outras pessoas do seu meio. Elas criam elos entre objetos e situações, entre expressões do próprio corpo (mímicas, vocalizações) e personagens e / ou situações já vividas ou apenas observadas por elas (COELHO E PEDROSA, 1995, p.54-55).



Coelho e Pedrosa (19995), nestas palavras marcam como as crianças em suas brincadeiras criam aprendem a vida. Deste modo, nessas construções realizadas pelas crianças, elas (re) elaboram a cultura dos adultos e estabelecem a sua própria cultura.

Assim, as considerações não se limitam apenas aqui neste artigo que se segue, uma vez que se tratam de reflexões que suscitam a prática pedagógica em Estágio e que pode ser atividades de possibilidades a serem desenvolvidas no dia a dia nas salas de aula do Ensino Fundamental. Em virtude de que “em se tratando de ciência, as afirmações podem superar conclusões prévias a elas podem ser superadas por outras afirmações futuras” (GOMES, 1994, p.79).

À vista disso, antes de encerrarmos os feitos obtidos pela realização do Estágio e registrado neste estudo, reafirmamos a convicção, como foi discutido ao longo deste trabalho, sob a perspectiva da Criança e sua Infância, que as crianças são sujeitos de direitos, protagonistas e atores sociais de suas próprias culturas infantis e podem suscitar a possibilidade de ser considerada no momento de preparação das atividades a serem ministradas, pois permitem às crianças viverem o seu momento de infância dentro da escola, e da sala de aula, consolidando laços de afetividade que proporcionam um aprendizado mais significativo.

Nesse contexto, concebemos que as infâncias e as crianças são constituídas por uma pluralidade, em razão de estarmos nos referindo a seres plurais com infâncias heterogêneas. Sendo assim, ao realizarmos o Estágio em um 2º ano do Ensino Fundamental com as crianças, não tivemos a pretensão de empreender inovações metodológicas, visto que conforme salienta Sarmiento e Pinto (1997) “tomar a criança como referência e objeto de estudo não é algo novo”, é algo possível, algo em que as crianças se mostrem e registram a capacidade de aprenderem por meio do lúdico e de escritas e reescritas ao longo do seu processo de aprendizagem.



Todavia, o que fora pretendido com este estudo, é o registro de algumas atividades pertinentes ao trabalho docente evidenciando a infância no contexto escolar e permear que essa forma de trabalho, além de possível, traz alegria, vivacidade e acima de tudo afetividade aprimorada no decorrer de tantos encontros e histórias a contar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, A. M.; AMARAL, T. A contribuição do estágio supervisionado na formação do pedagogo. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE** (Curitiba), 2009, p. 3672 - 3685.

BARBOSA, Angela Maria. **Dimensão humana da formação docente: um estudo a partir de documentos de curso de licenciatura e da opinião de coordenadores, professores e alunos**. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

BARREIRO, I. M. F. GEBRAN, R. A. Prática do ensino: elemento articulador da formação do professor. In: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

COELHO, M. T. F.; PEDROSA, M. I. Faz - de - conta: construção e compartilhamento de significados. In: OLIVEIRA, Z. de M. R. de. **A criança e seu desenvolvimento**: perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez, 1995.

COSTA, M. T. M. S; SILVA, D. N. H. O corpo que escreve: considerações conceituais sobre aquisição da escrita. **Psicologia em Estudo**, v. 17, p. 55-62.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Paz e Terra, 2000.





GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

KRAMER, S. **Infância e produção cultural**. Campinas: Papyrus, 1999.

KUHLMANN JR. M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2012.

SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n.91, p. 361-378, maio/ago.2005.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional. ANPED** (Campinas), 2000, p. 1 - 17.

TONUCCI, F. **A solidão da criança**. Tradução de Maria de Lourdes Tambaschia Menon. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

WINNICOT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.